

O PERCURSO HEGELIANO DO SER À ESSÊNCIA NA CIÊNCIA DA LÓGICA

THE HEGELIAN TRAJECTORY FROM BEING TO ESSENCE IN THE SCIENCE OF LOGIC

Marcos Fábio Alexandre Nicolau
<https://orcid.org/0000-0002-6077-8055>

Resumo: Buscamos analisar o desenvolvimento especulativo do ser, que Hegel apresenta em sua exposição da Doutrina do Ser, especificamente em suas passagens da Qualidade à Quantidade, da Quantidade à Medida, e dessa última à Essência. Todas as categorias que constituem o desenvolvimento do *ser* se realizam por efeito do *devenir*, aliás, se poderia dizer que toda a filosofia de Hegel é uma filosofia do processo ou do *devenir*. A primeira determinidade do ser como pensamento determinado por seu *devenir* é a Qualidade. Nela, mediante o princípio dialético contido na contradição entre ser e nada, cada momento do desenvolvimento do ser se nega a si mesmo dentro de si mesmo: 1) *ser em si*, 2) *ser aí*, 3) *ser para si*. O movimento dialético conduz da qualidade à quantidade, e, logo após, à medida, que é a verdade da qualidade e da quantidade, unidade na qual toda mudança quantitativa indica simultaneamente uma mudança qualitativa. O que acompanhamos é uma verdadeira determinação progressiva do *ser para si* rumo à Doutrina da Essência.

Palavras-chave: Dialética, Sistema, Idealismo absoluto.

Abstract: We seek to analyze the speculative development of being, which Hegel addresses in the Doctrine of Being, particularly in his passages from Quality to Quantity, from Quantity to Measure, and from Measure to Essence. All the categories that constitute the development of being are due to the effect of becoming. Indeed, it could be said that all of Hegel's philosophy is a philosophy of process or of becoming. The first determinateness of being as thought determined by its becoming is Quality. Through the dialectical principle contained in the contradiction between being and nothingness, in quality each moment of the development of being denies itself within itself: 1) being-in-itself, 2) being-for-another, 3) being-for-itself. The dialectical movement leads from quality to quantity, and then to measure, which is the truth of quality and quantity, the unit in which every quantitative change simultaneously indicates a qualitative change. This is a true progressive determination of the being-for-itself towards the Doctrine of Essence.

Keywords: Dialectics, System, Absolute idealism.

A qualidade plenamente realizada: o *ser para si*

Passado o primeiro movimento da dialética do começo, é no *ser para si* que se expressa a realização plena de uma determinada realidade, realidade essa que tem alcançado uma característica própria em relação às demais coisas, como bem descreve Hegel:

No *ser para si* está posta e igualada a diferença entre o ser e a determinidade ou negação; qualidade, ser outro, limite, como realidade, ser em si, dever ser etc. são as configurações [*Einbildungen*] imperfeitas da negação no ser, como aquelas nas quais a diferença de ambos está ainda no fundamento. Mas, na medida em que na finitude

a negação passou para a infinitude, para a negação *posta* da negação, ela é a relação simples consigo, portanto, o igualamento nela mesma com o ser, – *ser determinado absoluto*. (HEGEL, 2016, p. 163)

É justamente esta diferenciação de si para com outro que faz uma realidade qualitativamente distinta de outra. E uma determinada realidade só alcança a plenitude de si – o desenvolver pleno de suas determinações, sua máxima concretude ontológica – quando tem alcançado o estado de realidade *para si*. É nesse momento que a coisa se constitui como uma, como uma coisa diferenciada e distinta, pois ser uma realidade própria, unitária, é o que qualifica uma realidade. Por isso, a determinação de qualidade é mais que uma expressão teórica da realidade, ela é um momento constitutivo desse ser: o momento pelo qual uma realidade é esta e não outra; é o *ser para si* dela internamente qualificado e especificado, pois, como diz Hegel logo no início desse momento da Doutrina do Ser: “no *ser para si* o *ser qualitativo* está *plenamente realizado*” (HEGEL, 2016, p. 163).

O filósofo inicia este terceiro momento da qualidade expondo duas vertentes do *ser para si*: a de ser relação consigo, o que ainda lhe atribui uma imediatez, e a de ser relação do negativo para consigo, que é o *essente para si* ou o ser uno. O *ser para si* é o uno, ou seja, o uno no qual não há diferença, pois esta já foi superada, o uno excluiu de si o outro, a diferença. Sendo a consumação da categoria da qualidade, traz em si tanto o momento do ser puro quanto o momento do *ser aí*, logo, ele é tanto o ser puro enquanto imediato, como o *ser aí* quanto sua determinidade, porém sua determinidade não está mais na esfera do finito, mas do infinito, já que a alteração e a mudança, que configuram a diferenciação, foram suprassumidas no infinito, no próprio *ser para si*. Notemos que, ao dizer que o *ser para si* ainda é imediatez, Hegel nos alerta mais uma vez que ainda estamos no momento indeterminado do ser, no qual ainda não foi posta nenhuma determinação.

Nesta passagem de elaboração do conceito, Hegel fala da repulsão e da atração, do uno e do múltiplo, ou seja, da unidade de contrários responsável pelo desenvolvimento do *ser para si*. O uno é um *essente para si* que se exclui de si mesmo para se pôr no múltiplo. Pela repulsão o uno se mostra incompatível consigo mesmo numa relação negativa, em que se repele a si mesmo e se põe como muitos unos, ou seja, como múltiplo. Essa relação do negativo para consigo é a própria relação do uno para consigo mesmo, pois este uno ao se diferenciar de si, no objetivo de se afirmar como *para si*, engendra em si uma repulsão. Porém, esse diferenciar do uno para consigo não põe um outro de si, como ocorre na relação ser e outro do *ser aí*, mas sim vários unos igualmente *essentes para si*, possuidores da mesma

condição: ser uno. Cada um desses unos tanto repele como é repelido.¹

Porém, antes entendamos de onde vêm os muitos. O entendimento tende a ter o uno como saído dos muitos, do múltiplo, mas, segundo o conceito, o que ocorre é o contrário. O uno surge como o pressuposto do múltiplo, pois faz parte do pensamento que é o uno se põe a si mesmo como o muitos.² O uno é, também, essencialmente relação, mas é uma relação de si a si mesmo, é relação negativa que repele a si mesmo e não a um outro de si, sendo o uno o que repele, o que exclui. Portanto, é na repulsão que ocorre o momento do *ser para si*, no qual o uno é mais o se excluir de si mesmo e o se pôr como múltiplo, gerando uma repulsão recíproca entre os vários unos, isto é, um *excluir recíproco* (cf. HEGEL, 2016, p. 177). Mas não se entenda isso como um excluir unilateral de um uno em relação a vários outros unos (externos a ele), como se estes constituíssem um diferente, todos são repelentes e repelidos, pois cada um dos muitos são eles mesmos um uno. Cada um dos muitos é o que é o outro, diferentemente do que ocorre no devir, que é transitar entre ser e nada, o uno se converte sempre em outro uno, ele é referencia a si mesmo. Cada um é uno ou, também, uno dos muitos, são uma só e a mesma coisa, exercendo um comportamento negativo entre si, relação de uns com os outros, ou seja, exercendo uma repulsão, que Hegel definirá como “o próprio vir fora de si do uno” (HEGEL, 2016, p. 174). Porém, porque são também unos aqueles com os quais o uno se relaciona nesse repelir, acaba ele se relacionando tão somente consigo mesmo, motivo pelo qual afirma que a “repulsão do uno de si mesmo é a explicação do que o uno é em si” (HEGEL, 2016, p. 175).

Gera-se assim uma relação, também recíproca, de atrair para si os muitos. Como cada um dos muitos dessa repulsão é um uno que atrai para si os muitos outros unos por sua equivalência, surge daí o segundo momento dessa ação do uno para consigo: a atração. A atração surge como negação dessa relação abstrata, o *ser para si* é o ser que se afirma como idêntico a si e diferente de todo outro, excluindo de si qualquer tipo de diferença, ou seja,

¹ O que Hegel já havia notado como sendo o grande feito da dialética platônica, pois expõe uma questão primordial ao sistema hegeliano: como chegar a síntese dialética sem apreender a simultaneidade da identidade e da diferença, do ser e do não-ser, do finito e do infinito? No **Parmênides** essa questão está presente ao se analisar o uno e o múltiplo: “Cada um é Uno, mas também é Múltiplo; ele tem muitos membros, órgãos, propriedades [...] é Uno e também Múltiplo. Assim, simultaneamente diz-se de Sócrates que ele é Uno, igual a si mesmo, e também Outro, desigual para consigo. Aí se dá uma visão, uma expressão que se encontra na consciência comum. Ele é Uno, admite-se, mas, sob outra relação, é também um Múltiplo, e assim se deixam ambos os pensamentos caírem um fora do outro. Ora, o pensamento especulativo consiste em reunir os pensamentos; reuni-los, é isso o que importa. Essa reunião dos diferentes [Ser e Não-ser, Uno e Múltiplo] [efetuada] de tal maneira que simplesmente não haja passagem de um para outro, eis o que há de mais profundo e de verdadeiramente grande na filosofia platônica.” (HEGEL, 1986, p. 76).

² “O uno é tanto princípio como origem, sentença fundamental e fundamento essencial. O múltiplo deriva do Uno, tanto no sentido da fundamentação como no da gênese.” (OLIVEIRA, 2002, p. 60).

excluindo o outro de si. Como uno, o *ser para si* mantém uma relação de repulsão-atração com o múltiplo. Ao se repelirem cada um dos muitos se afirma como uno, o que causa uma atração do uno consigo mesmo, já que cada um se afirma como uno em relação aos demais. Na verdade, é o próprio uno se relacionando consigo mesmo, a própria estrutura do *ser para si*, carente-de-diferença, ou seja, “o pôr da indiferencialidade presente dos unos” (HEGEL, 2016, p. 181). Cada um dos muitos que formam o múltiplo é também um uno, logo o uno também é atração para com os muitos de si, cada uno é o que é também o seu outro, há um vínculo entre o múltiplo e o uno. Logo, por mais que o múltiplo surja da repulsão, ele traz em si o momento da atração, da unidade, da relação mútua e necessária, sendo que cada um é uno ou, também, uno dos muitos, logo, são uma só e mesma coisa, um uno único (cf. HEGEL, 2016, p. 180).

A repulsão se configura como aquele trabalho do negativo, como diz Hegel, o comportar negativo dos muitos entre si, mas que não é nada sem a atração, logo o *ser para si* é, na verdade, repulsão-e-atração. Com essa identidade na diferença o *ser para si*, antes tido somente como o excluir do outro de si, se suprassume, atingindo o momento do ser determinado *em si e para si*, que é o passar da qualidade para a quantidade, pois o uno foi tratado como uno que traz em si uma pluralidade indiferente. É verdade que o *ser para si* teve como primeiro momento o uno, que antes era tido como qualitativo, mas, na dialética do *ser para si*, o uno se altera a si mesmo mais uma vez – não como ocorreu no algo, como uma alteração impotente e instável –, se nega como múltiplo, como ser relacionado consigo mesmo, repelindo o seu outro. Essa repulsão recíproca resulta numa nova má infinitude, na qual se multiplica a si mesmo, sendo cada termo um *para si*; e a síntese do uno e do múltiplo culminou no momento da repulsão-atração, suprassumindo o *ser para si* e, ao mesmo tempo, suprassumindo a qualidade na totalidade de seus momentos: a qualidade se torna o ser indiferente à determinidade, ela se torna quantidade. Passagem assim expressa por Röd:

No ser-para-si está contida a relação do uno com o múltiplo; isto não deve ser entendido no sentido da relação de uma coisa com muitas coisas; trata-se antes, de que o conceito do uno, em virtude de estar determinado pela negação da pluralidade, é um conceito relacional, a partir do qual se pode obter, por análise, o conceito de pluralidade, mais exatamente: de muitos unos. A relação do uno com os muitos unos é a quantidade. (RÖD, 1984, p. 186)

A seguir apresentamos a passagem da qualidade à quantidade, que é a segunda categoria lógico-ontológica constitutiva a que Hegel tem que remeter para dar conta da estrutura do ser. Trabalhar a passagem dessa à medida, e culminar mostrando o trânsito à

essência, em nossa perspectiva, é um momento necessário para dar por exposto o processo que o ser puro percorreu até chegar ao estágio no qual deixará essa esfera na qual era relação tão-somente a si, entrando na esfera própria da mediação, da reflexão e relação na Doutrina da Essência, onde se determinará e rumará a completude na lógica subjetiva da Doutrina do Conceito.

A superação do *ser para si*: a quantidade

O *ser para si* contém em si a relação do uno com o múltiplo, o que não deve ser entendido no sentido da relação de uma coisa com muitas coisas, se trata antes do conceito do uno, que, em virtude de estar determinado pela negação da pluralidade, é um conceito relacional, a partir do qual se pode obter o próprio conceito de pluralidade, mais exatamente de muitos unos. E essa relação do uno com os muitos unos é a quantidade. A quantidade é o superar do ser-para-si, ou seja, é o momento em que aquilo que uma coisa é, sua qualidade, é indiferente, sendo suprassumida por outro modo do ser absoluto. A qualidade, em geral, se converteu em quantidade através da suprassunção do *ser para si*, que, ao estar relacionado somente consigo, deixa de ser uma qualidade determinada e passa a ser um uno que, ao se repelir, gera outros unos ao lado de si mesmo. O uno que voltou a si, e que na sua passagem à multiplicidade dos unos, pensando se livrar de seu limite – sua alteridade –, irá assumir em si mesmo a sua condição de ser um entre muitos. A relação se dará, então, como repulsão e atração entre este uno e os outros unos. Por isso, a quantidade é “a aceitação pura e simples de uma pluralidade de unos mutuamente independentes e puramente numéricos” (LUFT, 1995, p. 88).

Sendo a categoria de quantidade compreendida como uma necessária evolução da categoria do ser, pois marca uma característica determinada do ser, ela pode ser compreendida, de acordo com o sistema especulativo hegeliano, como um atributo do absoluto em uma de suas múltiplas fases de manifestação. Entretanto, se definíssemos o Absoluto meramente como quantidade, isso representaria, com certeza, uma concepção unilateral e excessivamente limitada do mesmo; mas se, ao contrário, omitíssemos tal determinação, a Ideia do Absoluto careceria de um elemento estrutural essencial (cf. HIBBEN, 1902, p. 106-107).

Notemos que a passagem do qualitativo ao quantitativo que está prestes a se realizar implica uma vez mais uma dupla negatividade: negatividade do ser-aí, uma vez que se busca distinguir um movimento de outro; negatividade do para-si, uma vez que se colocam em evidência determinações indiferentes à qualidade do ser, separadas dele. (TIMMERMANS, 2005, p. 49-50)

A quantidade é uma negação dialética da qualidade, ou seja, a qualidade convertida em negativa, tendo como seus momentos: a quantidade pura, o quanto [quantidade determinada] e a infinitude quantitativa. De modo geral, a quantidade nos fornece a representação da determinidade indiferente, a determinidade que não é mais uma com o ser, senão que é diferente dele. Ela implica a mutabilidade do ser, sem que a coisa mesma – o ser que é –, seja modificada por ela. Na qualidade uma coisa sempre permanece o que é, porém, no momento em que tal qualidade transita à quantidade, o ser que era idêntico ao ser da coisa passa a conter uma determinidade indiferente exterior. Pela quantidade uma coisa varia, pode ser mais ou menos; o ser pode variar pela determinidade da grandeza, ainda que a coisa mesma permaneça na sua determinidade própria, que é, antes de tudo, qualitativa.

A quantidade é então a determinidade que tem voltado a si mesmo indiferente ao ser, é o *ser para si* que é absolutamente idêntico com o *ser para outro*, a repulsão dos muitos unos, que imediatamente é também não-repulsão, ou seja, é atração e continuidade deles. Hegel, ao falar da quantidade, começa com a indiferença dessa em relação à qualidade, pois se pôs um limite que é a indiferença do *ser para si* em si mesmo e de um algo frente a ele, constituindo a determinação quantitativa dele. Surge a ideia de *quanto*, que é ainda uma determinação indiferente, ou seja, que passa além de si mesma, sendo exterior a si, a qual, se negando a si mesma, cai no progresso infinito, pois se caracteriza como um *ser outro* de um *ser outro*. Tal *quanto infinito* é a determinação indiferente que já é supracumida, e é nela que se dará a restauração da qualidade, pois essa sua característica de ser exterior a si marca a qualidade desse mesmo *quanto*. É a infinitude quantitativa, na qual surge a unidade formal de qualidade e quantidade, que, dialeticamente, faz o trânsito dessa unidade para a medida através de uma relação quantitativa.

A quantidade qualitativa: a medida e sua passagem à essência

A Doutrina do Ser evolui numa necessidade interna, que reside num mandar-se-para-fora do próprio Absoluto. É assim que – lembrando com Hegel a tarefa da filosofia de reduzir as coisas a pensamentos, e verdades a pensamentos determinados (cf. HEGEL, 1995, p. 77) – alcançamos nessa breve exposição a terceira e última determinação da Doutrina do Ser: a medida. O desenvolvimento de sua natureza imanente se apresenta como constituída dos momentos da qualidade e da quantidade, pois o *verdadeiro ser* não está na pureza de nenhum desses dois momentos, mas em sua síntese: qualidade quantificada ou quantidade qualificada. Nesse momento que se abre, a qualidade e quantidade se encontram unificadas. No ser como

tal a determinidade se encontrava em sua igualdade consigo mesma, em uma imediatez, que na quantidade foi suprassumida. Porém, no momento da quantidade o ser findou por voltar a si mesmo, ou seja, ainda que de forma indiferente, o ser tornou a ser simples igualdade consigo, tornou a ser qualitativo. Essa indiferença que ele agora traz em si, a exterioridade do *quanto* de se determinar não em si mesmo, mas em um outro, porém em um outro que é na verdade uma referência a si mesmo, é exterioridade suprassumida, pois tem em si mesmo a diferença de si. Logo, o momento da medida, que agora surge, é constituído desse fato de ser quantidade (exterior), e o de ser qualidade (interior).

Expresso de modo abstrato, na medida estão unificadas qualidade e quantidade. [...] Agora, o terceiro é a exterioridade que se relaciona consigo mesma; enquanto relação consigo, ele é, ao mesmo tempo, exterioridade *suprassumida* e tem, nela mesma, a diferença de si, a qual, enquanto exterioridade, é o momento *quantitativo*, enquanto retomada para dentro de si, o momento *qualitativo*. (HEGEL, 2016, p. 349)

Temos uma visão completamente abstrata da quantidade quando a consideramos completamente separada de qualquer elemento qualitativo, pois na totalidade dos elementos que constituem algo há diferenças quantitativas que equivalem a qualitativas, os elementos que são próprios do ser da coisa em questão. Podemos simplificar citando o exemplo de uma casa que, como vimos na quantidade, não altera sua qualidade ao ser maior ou menor, porém se imaginarmos uma casa de brinquedo, ela já perde elementos que lhe eram essenciais ao seu conceituar: aquilo que podia ser conceituado como “local de moradia de um ser humano”, agora, nessas dimensões, perdeu tal característica, assim como o simples afinar de um violão, que, ao distender as cordas, altera o som das mesmas. Ou seja, por causa de uma alteração quantitativa, algo se alterou qualitativamente, pois extrapolou o seu limite. Assim, não podemos ter nas coisas um quanto que progride ao infinito, algo que seja infinitamente pequeno ou infinitamente grande, pois para cada mudança quantitativa uma alteração qualitativa corresponderá. Como vemos na **Lógica**,

ocorre um ponto desta alteração do quantitativo, no qual a qualidade é alterada, o quantum se demonstra como especificante, de modo que a relação quantitativa variada está intervertida para uma medida e, com isso, para uma nova qualidade, para um novo algo (HEGEL, 2016, p. 396)

Hegel define o que é a medida, na **Enciclopédia**, dessa forma: “A medida é o quanto qualitativo, antes de tudo como imediato; um quanto ao qual está unido um ser-aí ou uma qualidade” (HEGEL, 1995, p. 214); ela é essencialmente a proporção, a harmonia, a relação entre grandezas e a norma definidora de um ser. De fato, a categoria de medida subsume dentro de si o momento da relação quantitativa, na qual aparece com maior nitidez o vínculo

unitário entre o quantitativo e o qualitativo. Porém, cabe ressaltar, a medida não é só um quanto qualificado, nem tampouco é só a unidade imediata da qualidade e da quantidade, o mais próprio dela consiste em que expressa os limites quantitativos — em alterações — que uma realidade internamente qualificada pode suportar e seguir sendo a mesma realidade. Para Hegel, tudo que existe tem uma medida, toda existência possui uma certa grandeza, que pertence à natureza de um determinado algo, de modo que, caso esta medida se altere, não poderia este algo seguir sendo o que é, pois tal variação alteraria sua própria qualidade – todo aumentar ou diminuir, que na quantidade eram considerados como indiferentes, tem seu limite, cuja transgressão culmina na perda das qualidades essenciais da coisa, do algo. Diz Timermans (2005, p. 52): “Medir uma coisa é considerar que alguns de seus caracteres quantificáveis traduzem, exprimem, a natureza concreta dessa coisa”. O *quanto*, agora como medida, é a determinação da coisa, seu limite, de forma que se tal determinação variasse excessivamente, desapareceria enquanto aquilo que é. Nas palavras do próprio Hegel:

tudo o que é aí, tem uma medida. Todo o ser aí tem uma grandeza e essa grandeza pertence à natureza do próprio algo; ela constitui sua natureza determinada e seu ser dentro de si. Algo não é indiferente frente a essa grandeza, de modo que, se ela fosse alterada, ele permaneceria o que ele é, mas a alteração da mesma alteraria sua qualidade. (HEGEL, 2016, p. 358)

A medida é uma regra; uma regra que limita e que registra as mudanças quantitativas que uma qualidade determinada pode aceitar e seguir sendo ela mesma; uma regra que mede, que mensura, as possibilidades de mudança quantitativa de uma determinada estrutura qualitativa, que, ao ser ultrapassada, possibilitaria outra qualidade radicalmente distinta, assim como a outra medida, a outra regra, que corresponderia a nova estrutura qualitativo-quantitativa instaurada. A medida se confronta com esse aumentar ou diminuir *ad infinitum*, que é descrito por Hegel como sendo o *que não tem medida*, ou seja, o aumento ou diminuição gradual que desencadeia um processo de alterações do algo em outros algo indefinidamente. É a presença do mal infinito na determinidade da medida. Mas Hegel verá que, na verdade, o *que não tem medida* é da mesma forma medida, pois sempre é restaurada nesse progresso infinito a medida, “saímos da falsa infinitude (unidade imediata do ser-qualidade) e da mera explosão dos uns na finitude (quantidade), e buscamos a efetivação do verdadeiro infinito da medida” (LUFT, 1995, p. 90).

Apreendendo de forma geral o momento da medida – constituído pela quantidade específica, a medida real e o devir da essência – apresentamos o desfecho do desenvolvimento do conceito de ser na Doutrina do Ser, desfecho marcado pela insuficiência

desse estágio e pela necessidade de sua passagem à Doutrina da Essência.

E esse momento mensurante dá ao processo do ser seu momento de completude, mas ao mesmo tempo nos faz notar que o ser não basta a si mesmo para se determinar, pois se aqui se chegou à conclusão que cada qualidade se reduz a suas relações com as quantidades, isso somente põe a realidade do ser que, ao se diferenciar segundo relações quantificáveis, nada mais fez do que se manifestar como uma possibilidade indefinida. É o devir próprio do ser, seu movimento de autodeterminação que o leva a buscar fora de si o princípio de sua diferenciação, por isso o ser na medida passa à essência, que é simplesmente o ser visto em sua negatividade.

Hegel abre a Doutrina da Essência a tendo como “o conceito enquanto conceito posto” (HEGEL, 1995, p. 222), já que é nela que a *relação*, que implica um *outro*, se põe. A essência é pura *relatividade*, o que marca sua principal diferença para com a esfera do *ser*, pois enquanto essa apresenta o ser como uma *relação simples consigo mesmo*, a essência terá suas determinações somente na *relação*, na *mediação*. A transição do *ser* para a *essência* se dá porque na Doutrina do Ser nos deparamos com a complexa interação entre qualidades e quantidades na medida, e essas determinações e suas alterações são tão somente *imediatas*, no sentido de que não foram explicadas por uma subjacente e persistente *essência*, já que é a essência das coisas que deve ser conhecida. Como as coisas não devem ser deixadas em sua imediatez, e sim demonstradas como mediatizadas ou fundadas por um *outro*, e como todas as coisas tem essência, a realidade deve possuir algo permanente, algo que está para além do simples circular de uma qualidade a outra, ou do transitar de um qualitativo ao quantitativo e vice-versa, o que foi reconhecido ao fim da Doutrina do Ser. A essência é o que é assegurado, o que subsiste nas coisas.

Portanto, tal passagem à essência ocorre por se ter no ser uma falsa regressão infinita de variações de quantidade, sublinhadas por mudanças qualitativas, que dá lugar a uma transformação recíproca, verdadeiramente infinita, de qualidade e quantidade uma na outra, gerando um substrato que, como tal, não é nem qualitativo nem quantitativo, ou seja, tais características diversas e variáveis pressupõem uma posse por certo ente relativamente persistente, um substrato que deve ser exposto, o que Hegel tem como uma necessidade enquanto estrutura do próprio conceito. Pois ao findar a esfera do ser se reconheceu sua insuficiência, ela é apenas a indiferença absoluta, como diz Hegel:

O ser é a indiferença [*Gleichgültigkeit*] abstrata – para a qual, pois ela deve ser pensada por si como ser, foi usada a expressão *indiferença* [*Indifferenz*] – , na qual ainda não deve estar nenhuma espécie de determinidade; a

quantidade pura é a indiferença como capaz de todas as determinações, mas de modo que estas lhe [são] externas e ela, a partir de si, não tem conexão alguma com as mesmas; mas a indiferença, que pode ser denominada a absoluta, é [aquela] que *se medeia consigo*, com vistas à unidade simples, *pela negação* de todas as determinidades do ser, da qualidade e da quantidade, e da unidade inicialmente imediata delas, da medida. (HEGEL, 2016, p. 403)

E essa passagem não pode, segundo Hegel, ser tida como imposta por uma reflexão externa, como se fosse um estratagema mental para resolver os problemas suscitados na Doutrina do Ser, é próprio do *conceito* passar a essência, por isso tal trânsito deve ocorrer ainda na esfera do ser, sendo um desenvolvimento do próprio ser. Dessa forma podemos dizer que a essência é *a verdade do ser*, já que ela é posta como o aparecer do ser, que está posto e suprassumido na essência, mas perfazendo agora um movimento de reflexão em si mesmo. Portanto a essência é, na verdade, o resultado dialético da esfera do ser, é sua verdade.

A verdade do ser é a essência.

O ser é o imediato. Na medida em que o saber quer conhecer o verdadeiro, o que o ser é *em si e para si*, ele não se detém no imediato e em suas determinações, mas o penetra com a pressuposição de que *atrás* deste ser ainda está algo diferente do próprio ser, de que esse pano de fundo constitui a verdade do ser. (HEGEL, 2017, p. 31)

Assim a busca por uma essência que está para além do imediato deve superar o mero passar de uma qualidade à outra ou o mero progredir do qualitativo ao quantitativo, deve superar necessariamente a esfera da imediatez.

A essência surge então como o momento da reflexão, que deixa de ser extrínseca ao ser para assumir a negatividade como seu elemento interno e constituinte, no qual o ser encontra em si suas diferenças e começa um processo de autoconhecimento, se compreendendo especulativamente como um complexo de diferenciações.

O ser que resultou da Doutrina do Ser não pode ser somente uma relação para consigo mesmo, uma mediação de si a si, ele deve estabelecer uma relação a *outro*, que se anteriormente fora tido como um *outro em geral*, do qual somente se sabia que era um *outro do algo*, o que fixa uma relação do ser consigo mesmo, pois aquele outro não passava de uma extensão do próprio ser, agora se tem *o algo posto e mediatizado*, sendo também constituinte da relação consigo do ser, que agora somente será por sua relação a esse *outro*. É a relação a outro o que determinará essa relação a si do ser.

Mas cabe salientar que *o ser não desvaneceu*, pois a essência é justamente o suprassumir do ser, é o passo dialético do sistema que ruma ao Conceito. A essência é ainda o ser, relação

simples a si, mas é também um mediato, e, embora seja tanto um imediato quanto um mediato, será tido na essência como mediação, *algo puramente negativo*, uma aparência, uma manifestação. Na essência o ser *aparece* em si mesmo, o ser regressa a si.

A essência é mais uma *definição do Absoluto*, que o desvela em um grau mais complexo, é o momento em que o ser foi *para dentro de si*, marcando o retorno do ser a si como uma justificada mediação de si consigo mesmo. Sendo mediação, o ser tem a negatividade como algo que lhe é intrínseco, ela é “sua própria dialética” (HEGEL, 1995, p. 223), sua verdade. A essência *marca* através da *negatividade* o ser, ele agora é *mediação, reflexão*.

E no ser que foi *para dentro de si*, aquela imediatez da relação consigo toma a forma de *identidade*, da *reflexão sobre si*. Mas ao tomar a categoria de identidade, Hegel alerta para o erro que o entendimento pode cair ao se deixar levar pela obstinação de apreender o que é finito e limitado (a coisa, o objeto, o essente) como “*algo idêntico consigo, que não se contradiz em si mesmo*” (HEGEL, 1995, p. 225), pois Hegel sabe bem que não pode haver identidade sem diferença, o que é justamente o que faz a doutrina do ser insuficiente, já que na imediatez do ser não há mediações (cf. HEGEL, 1995, p. 193), ora isso não é viável por uma imposição dialética da razão, nessa a realidade é tida como uma contradição em si mesma, e não pode permanecer fixa em um lado da relação.

O filósofo esclarece que embora a identidade pareça afetada somente pelas determinações do ser e separada da essência, o que lhe seria algo exterior, isso apenas aparenta ser assim, pois já foi afirmado que a essência é o *ser dentro de si*, o essencial, ela é o que traz o negativo em si mesma, a mediação de uma relação a outro, que é o que lhe dá esse caráter de essencialidade, já que a identidade supracitada somente pode ocorrer na relação a uma diferença. Para o entendimento o ser tem dentro de si essa diferença como algo exterior, denominado negativamente como *inessencial*, separado e anulado na relação, mas como a essência só pode ser enquanto traz a negação nela mesma, ela tem em si esse *inessencial*, que acaba por se constituir como sua própria *aparência*, sua manifestação.

Assim, na essência, as determinações somente se dão na relação a outro: o *fundamento* só é no *fundado*, a *essência* na *aparência*, o *absoluto* no *relativo*. É na essência, na reflexão interna que há no ser, que as determinações vêm a ser. Portanto, ela é o ser visto em sua negatividade. Nela o processo especulativo se desenvolve nos momentos da 1) *reflexão em si mesma*, no qual encontramos os momentos da *identidade*, *diferença* e *fundamento* – síntese dos dois anteriores –, que logo após se desdobra, na *existência*, o aparecer da essência, e na

coisa, que somente se dá por ter em si todas as condições necessárias do vir a existência; o 2) *fenômeno*, no qual se põs *o mundo do fenômeno*, o mundo como manifestação e não como mera aparência, além da identidade que há entre *conteúdo e forma* e a questão da *relação*; e, por fim, a 3) *efetividade*, onde se encontram as relações de *substancialidade* e de *causalidade*, culminando na *ação recíproca*, trânsito para a esfera do *Conceito*.

Considerações finais

Expusemos assim, numa tentativa sintética, as três categorias fundamentais do ser, círculo conseqüente do primeiro círculo, a saber *ser-nada-devir*, começo da **Lógica** e da ciência enquanto tal, que se desenvolveu como nessas categorias que formam a doutrina do ser: a qualidade, a quantidade e a medida. São três categorias essenciais da estrutura lógica do real e da conceitualização teórica do mesmo. São, por isso, três momentos lógico-ontológicos da realidade, unitária e dinamicamente estruturados em ordem à processualidade do real, e juntos caracterizam o que Hegel chama de Ser. Sendo sua relevância a estrutura da **Lógica** a de um fundamento irrenunciável, pois, como diz Andrade,

Para Hegel, em cada uma das categorias iniciais estão implícitas todas as que se lhe seguem: por isto, a partir da primeira, que é a do ser propriamente dito, podem ir-se extraindo sucessivamente todas as demais, até chegar à última, que é a Ideia Absoluta. Nesta, por sua vez, estão explícitas todas as categorias precedentes, inclusive a do ser. Assim, em quaisquer categorias do ser estão implícitas todas as categorias da essência e do conceito; em qualquer categoria do conceito estão implícitas todas as categorias do ser e da essência. (ANDRADE, 1971, p. 501)

Referências bibliográficas

ANDRADE, A. de. **As duas Faces do Tempo – Ensaio crítico sobre os fundamentos da filosofia dialética, I**. Rio de Janeiro/São Paulo: Livraria José Olympio Editora/EDUSP, 1971.

HIBBEN, J. G. **Hegel's Logic – An Essay in Interpretation**. New York: Charles Scribner's Sons, 1902. Edição fac-similada.

HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica – 1. A Doutrina do Ser**. Tradução de C. G. Iber, M. L. Miranda e F. Orsini. Petrópolis: Vozes, 2016.

HEGEL, G. W. F. **Ciência da Lógica – 2. A Doutrina da Essência**. Tradução de C. G. Iber e F. Orsini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das Ciências Filosóficas – a Ciência da Lógica**. Tradução Paulo Menezes, com a colaboração de José Machado. São Paulo: Edições Loyola, 1995.

HEGEL, G. W. F. **Vorlesungen über die Geschichte der Philosophie II [Werke 19]**. In:

Werke [in 20 Bänden]. 7 Auflage. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1986.

LUFT, E. **Para uma crítica interna ao sistema de Hegel**. Porto Alegre: Edpuers, 1995.

OLIVEIRA, M. A. de. **Para além da fragmentação – Pressupostos e objeções da racionalidade dialética contemporânea**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

RÖD, W. **Filosofia Dialética Moderna**. Tradução de Maria Cecília Maringonide Carvalho e Estevão de Rezende Martins. Brasília: Editora da UnB, 1984.

TIMMERMANS, B. **Hegel**. Tradução de Tessa Moura Lacerda. São Paulo: Estação Liberdade, 2005 (Coleção Figuras do Saber; v.12).